

Os espaços subjetivados nas vestes incorporadas de Claudia Casarino¹

Cristian Poletti Mossi²

Resumo

O estudo parte da idéia de *veste incorporada*, pontuando-se alguns possíveis olhares para o trabalho da artista paraguaia Claudia Casarino, onde a mesma explana a noção de corpo e subjetividade através da veste/roupa enquanto território subjetivo/cultural, ambos discutidos no contexto líquido e fragmentado da arte contemporânea, a qual se utiliza de elementos extra-artísticos para sua produção.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Vestes; Subjetividade.

Abstract

The present study is based on the idea of embodied clothing, establishing relations with some possible interpretations of the work of the Paraguayan artist Claudia Casarino who explains the notion of body and subjectivity through dress/clothing as both subjective and cultural territory, discussed in the liquid and fragmented context of contemporary art, in which extra-artistic elements are employed to its production.

Keywords: Contemporary Art, Clothes; Subjectivity.

Sobre o corpo ornado

Ao observarmos a formação e a história dos diversos povos, percebemos hábitos, crenças, valores e ideologias que corroboram num grande conjunto característico, passado de geração para geração, ao qual chamamos 'cultura'.

Dentro desse complexo de tradições, estão também suas produções materiais, ou artefatos, que nos ajudam a decifrar os usos e costumes que participam de seu imaginário e que podemos chamar de 'cultura material'.

Segundo Cuche (2002, p.9-10)

o longo processo de hominização, começado há mais ou menos quinze milhões de anos, consistiu fundamentalmente na passagem de uma adaptação genética ao meio ambiente natural a uma adaptação cultural.

Reafirmando esse pensamento, diz-se que, das primeiras necessidades que o ser humano teve sobre a terra, foi vestir seu corpo nu. Primeiramente cobriu-se com a própria vegetação e com peles de animais, depois desenvolveu a tecelagem e a costura,

¹ O artigo apresenta um recorte de algumas reflexões parciais acerca do trabalho de dissertação desenvolvido no programa de Pós Graduação em Artes Visuais (PPGART) da Universidade Federal de Santa Maria, intitulado Roupas-território: (re)(des)construindo e suturando subjetividades no contexto da Arte Contemporânea.

² Bacharel e Licenciado em Desenho e Plástica (UFSM/RS); Especialista em Design para Estamparia (UFSM/RS); Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria/RS. (PPGART/UFSM). Membro do GEPAEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura. Professor Substituto do Departamento de Metodologia do Ensino (MEN) do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

as quais proporcionaram que criasse têxteis melhor elaborados que além de proteger sua fragilidade frente ao mundo, o ajudaram a inventar conjuntos de signos que transmitem crenças e valores.

A questão da roupa/veste esteve presente em toda a história da humanidade, formulando para tal um território pessoal que, ora define, ora mascara identidades/subjetividades. Segundo Demetresio *in* Castilho & Martins (2005, p.16)

...tudo envolve o corpo, o maquia, o ressignifica, do estético/estésico ao social, a superposição das duas estâncias levam ao parecer/ser, o sentir bem... esse corpo camuflado, protegido, coberto, enobrecido, cria um estado de comunicação, pois o sujeito/corpo ornado é possuído pela roupagem/vestimenta e torna-se um 'sedutor' (...)! Esse corpo atrai o olhar dos outros... imaginado, real ou fantasiado do que é o ser... pura construção de sentido!

A partir do século XX, os grandes e performáticos desfiles de moda, lançam tendências e entram no circuito do consumo mundial, confundindo-se muitas vezes com a própria arte e reafirmando assim o "império do efêmero" de Lipovetsky (1991) e/ou a "sociedade do espetáculo" de Debord (1997).

Da mesma forma, a arte contemporânea, possibilitando aos seus produtores e ao público em geral a reflexão e o questionamento de seu contexto de origem, onde por sua vez apresentam-se sujeitos extremamente fragmentados por conta das condições híbridas e fugazes da atualidade, busca em *outras* e diversas áreas de conhecimento, como por exemplo na moda, suas temáticas e elementos propulsores.

Acerca das questões referentes à subjetividade/identidade do sujeito pós-moderno, Bauman (2007, p.13) coloca que:

Nos dois extremos da hierarquia (e no corpo principal da pirâmide, presas entre eles num dilema), as pessoas são atormentadas pelo problema da identidade. No topo, o problema é escolher o melhor padrão entre os muitos atualmente em oferta, montar as partes do *kit* vendidas separadamente e apertá-las de uma forma que não seja nem muito frouxa (para que os pedaços feios, defasados e envelhecidos que deveriam ser escondidos embaixo não apareçam nas costuras) nem muito apertada (para que a colcha de retalhos não se desfaça de uma vez quando chegar a hora do desmantelamento, o que certamente acontecerá).

Partindo da idéia do autor e buscando auxílio na linguagem médica através da palavra *sutura*³, o termo aparece no presente trabalho como uma possível metáfora com relação às costuras e amarras que fazemos diariamente nas tentativas de (re)configuração e desfragmentação de nossas subjetividades/identidades, fragilizadas pelas condições fluídas e efêmeras da atualidade.

As *vestes incorporadas* de Cláudia Casarino podem ser consideradas enquanto um apelo plástico/visual de uma sujeito-artista a qual traz um olhar atento e ocupado na fluidez e constante (re)construção identitária característica da contemporaneidade.

O conceito de *veste incorporada*⁴ pressupõe, no âmbito deste trabalho, a idéia da roupa que, por conta de sua própria função enquanto roupa e apresentada segundo o *status* de obra artística, como é o caso da obra de Cláudia Casarino, lembra ou denota a presença e/ou a unificação de um corpo com características identitárias/subjetivas específicas, inserindo-se assim em sua poética.

Desdobrando, suturando e subjetivando espaços

Proponho assim algumas questões que não possuem respostas e sim alguns desdobramentos/dobras. São dispositivos de discussão referentes ao contexto contemporâneo da arte e à ocupação/configuração da subjetividade do ser humano frente ao mesmo, bem como a relação disso com a roupa que utilizamos como agenciadora de subjetividades e que por vezes aparece na arte a fim de discutir esses aspectos.

O que pode ser pensado como um corpo no atual momento histórico em que participamos?

E, a partir disso, o que seria então uma veste para esse(s) corpo(s)?

O que estaria presente no (entre)meio da relação corpo (eu) X veste (outro)?

Para iniciar essa reflexão, trago para o âmbito deste artigo, uma obra sem título (Figuras 01 e 02) da artista paraguaia Cláudia Casarino, às quais eu chamo de *vestes incorporadas*, onde a mesma suspende vestidos de tule, brancos, transparentes, em uma sala de igual branco e foca neles uma luz extremamente forte que projeta na parede sua sombra difusa. Essa obra servirá até o final do trabalho como um 'amplificador' de questionamentos acerca do corpo (ou de sua ausência), da subjetividade do ser atual, da

³ Segundo Ferreira (1999), a palavra sutura significa a "operação que consiste em coser os lábios de uma ferida, ger. para juntá-los: juntura, costura".

⁴ A palavra *incorporar* adentra esse trabalho em seu sentido denotativo que, para Ferreira (1999) significa "Dar forma corpórea, juntar num só corpo, dar unidade, reunir, unir, juntar em um só espaço ou um só todo, tomar forma corpórea, materializar-se, reunir-se, juntar-se, congregar-se".

veste e suas possíveis relações com esses aspectos, bem como da arte em meio ao contexto líquido (BAUMAN, 2007) em que vivemos hoje.



Figura.01: Sem título / 2005
Vestidos em tule de Claudia
Casarino

Didi-Huberman (1998, p. 29) coloca que “o que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável, porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha”. Há assim, segundo o autor, uma construção de sentido no complexo jogo que se opera entre nosso olhar perante as coisas do mundo e o olhar que estas podem nos lançar, no sentido que há um processo que poderíamos nos referir como de *reconhecimento*, ou de *espelhamento*, que seria capaz de nos interrogar, enfim de nos olhar.

Ao nos defrontarmos pois, com as *vestes incorporadas* de Cláudia Casarino, inúmeras questões sobre nós mesmos vêm à tona.

Quem é este corpo que ocupa/ocupou/ocupará esta veste?

E a partir disso Quem somos nós afinal?

Didi-Huberman (1998) coloca que ao nos depararmos com uma obra de arte, não estamos somente analisando-a, mas estamos também sendo analisados, interrogados por ela. A obra de arte nos interpela, inquieta e cativa a percebermos quem somos, num fluxo contínuo de troca entre a mesma e nossas percepções mais incertas.

No caso da obra de Cláudia Casarino, o que vemos não são apenas vestidos suspensos, mas inúmeras significações que flutuam no espaço ocupado pela obra. Ela não é mais somente uma veste, porém não configura-se também como a realidade e sim uma 'sobre-realidade'. Os vestidos adquirem uma 'sobre-vida', referem-se a um certo espectro-corpo que está invisível, pautado pela presença elucidada na ausência que o espaço por entre as vestes opera.

É certo que as vivências anteriores ao contato com a obra, instigam seu expectador a perceber nela sua apreensão de mundo e, sendo assim, a roupa refere-se a inúmeras experiências comuns a qualquer ser humano. A roupa configura-se como um signo presente em qualquer cultura, possibilitando a seu usuário um território capaz de definir, mascarar e/ou ainda incorporar subjetividades/identidades.



Figura.02: Sem título / 2005
Vestidos em tule de Cláudia
Casarino

Jones (2005) propõe que se analisarmos atentamente a história dos usos e costumes de diferentes sociedades, envolvendo assim a moda, das mais antigas às mais atuais observa-se a utilização de roupas para transmitir informações culturais. A autora ainda compara a roupa e a moda às demais linguagens humanas, colocando que podemos a partir das mesmas concluir quem são, a que cultura pertencem, ou ainda quem querem 'parecer ser' seus usuários.

Acerca desse assunto, também Barnard (2003, p.64) infere que:

Indumentária e moda, como comunicação, são fenômenos culturais no momento em que a própria cultura pode ser entendida como um sistema de significados, como as formas pelas quais as crenças, os valores, as idéias e as experiências de uma sociedade são comunicadas por meio de práticas, de artefatos e instituições. (...) são, pois, constitutivas daqueles grupos sociais, e das identidades dos indivíduos no interior daqueles grupos (...).

No caso das vestes de Cláudia Casarino, com o que nos deparamos são vestidos brancos, sem uma referência cultural específica, tendo em vista a universalização dos modelos de roupa presentes na atualidade, fazendo com que a possível menção acerca da cultura a que este/esta *outro/outra* que ocuparia a veste pertence, torne-se difusa.

Mas continuemos nos perguntando: *Por que essa atribuição de sentido acontece à obra? Como pode um prosaico vestido instaurar em si tantos significados?*

Nesse sentido, não há limites para o que seja arte no período em que convencionamos chamar de *contemporaneidade*. Frente a um contexto tão múltiplo de ideologias e olhares, repleto de imagens e conceitos e especialmente, farto de possibilidades a partir do excesso de materiais disponíveis e dos contrastes causados pelos constantes avanços tecnológicos e pela acirrada globalização, a arte atual, dentro desta profusão, torna-se cada vez mais híbrida.

Archer (2001, p. IX) coloca no prefácio de seu livro *Arte Contemporânea: Uma História Concisa* que “quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto àquilo que, afinal, permite que as obras sejam qualificadas como “arte”, pelo menos de um ponto de vista tradicional” e ainda complementa dizendo que hoje “não parece haver mais nenhum material que desfrute do privilégio de ser imediatamente reconhecível como material da arte”.

Nessa perspectiva, podemos perceber as obras que se utilizam da roupa/moda enquanto elemento/linguagem, como é o caso da obra citada, carregada de significações possíveis a fim de discutir questões relativas à cultura, ao território e especialmente à subjetividade/identidade do sujeito contemporâneo.

Augé (1994, p.58) afirma que “pode-se imputar esse efeito mágico da construção espacial ao fato de que o próprio corpo humano é concebido como uma porção de espaço, com suas fronteiras (...)”, ou seja, ele pode ser “pensado como um território”. Partindo da idéia de que a roupa tem como função primordial revestir o corpo,

inevitavelmente também podemos percebê-la dessa forma, com suas características culturais específicas, suas peculiaridades identitárias/subjetivas que definem e até certo ponto rotulam seu usuário.

É natural surgirem essas discussões no atual momento em que vivemos, pois, percebendo-se em meio a informações de todas as ordens, num contexto onde as barreiras de tempo/espaço tornam-se frágeis por consequência da acirrada globalização e dos constantes avanços tecnológicos, o homem contemporâneo sente-se cada vez mais fragmentado, atestando, como coloca Woodward (2000, p.25) que “existe uma crise de identidade no mundo contemporâneo”.

Buscando suas próprias origens, o sujeito da atualidade descobre não ser apenas um, mas vários dentro dele mesmo, sentindo-se, como nos diz Martins (2004, p.162), “fragmentado e fragilizado na sua subjetividade e individualismo, o sujeito contemporâneo se dá conta da sua vulnerabilidade, mutabilidade, multiplicidade e fluidez”.

Não se pode, como outrora, afirmar a identidade como algo unívoco e acabado sendo que, as remodelações ideológicas que atestam um ser em constante (des)(re)construção de si, reafirmam a idéia de Hall (2000, p.106), o qual nos diz que “a identificação não é, nunca, completamente determinada no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada”.

Percebemos o fim das grandes narrativas e a recorrente despreocupação e/ou desilusão com o futuro. Se anteriormente as esperanças eram despendidas no porvir, como algo certo e seguro, na pós-modernidade, como conclui Lipovetsky (2004), há a predominância do “aqui-agora”. Este mesmo autor relata que o centro de gravidade temporal no atual período histórico, deslocou-se do futuro para o presente, havendo a substituição de uma “sociedade rigorístico disciplinar” por uma “sociedade-moda reestruturada pelas técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes”.

Todo esse sentimento de falta de um ‘eu’ conciso, a crise identitária do ser contemporâneo e seu crescente pessimismo com relação ao futuro, bem como a busca incessante por seu território, consequências estas de um mundo fluído e em constantes transformações, tornam extremamente plurais as obras e processos artísticos vigentes, os quais reafirmam um surto de individualismo e de tensão permanente acerca do litígio da arte.

No caso da obra de Cláudia Casarino, a inquietação do espectador se dá a partir do momento em que ele, num processo de percepção do espectro incorporado na veste e assim o reconhecimento de sua alteridade, apreende-se enquanto *e/le* próprio: um complexo identitário diverso, do ponto de vista do contraste gerado a partir do contato com a obra e ao mesmo tempo igual àquele suspenso no espaço da sala, considerando as experiências anteriores de cada pessoa e tendo em vista que a roupa/veste é algo aparentemente comum ao cotidiano de todos.

Augé (1994, p. 27), dissertando acerca do confronto com o *outro*, relata que o “mundo contemporâneo que, por causa de suas transformações aceleradas, chama o olhar antropológico, isto é, uma reflexão renovada e metódica sobre a categoria da alteridade”, e ainda define diversas supostas categorias de *outros* que possibilitam o pensar acerca da identidade atualmente:

O outro exótico, que se define em relação a um ‘nós’ supostamente idêntico (...); o outro dos outros, o outro étnico e cultural, que se define em relação a um conjunto de outros supostamente idênticos, um ‘ele’, na maioria das vezes, resumido por um nome de etnia; o outro social: o outro do interior, com referência ao qual se institui um sistema de diferenças que começa pela divisão dos sexos, mas que define, também, em termos familiares, políticos e econômicos, os respectivos lugares de uns e de outros (...).

É fato que aparentemente a mulher e o corpo feminino estão em voga no trabalho de Casarino, porém ambas, com toda a complexidade que isso acarreta, estão ausentes. Essa ausência de um corpo, bem como a sombra, tão aparente e tão forte quanto as próprias peças suscitam uma presença quase fantasmagórica de alguém que por aí passou ou ainda o prenúncio de que passará. *Não seriam essas peças o reconhecimento de cada um de nós, a partir do outro presente em cada vazão de cada veste, em cada uma das sombras difusas projetadas na parede?*

Nesse sentido Woodward (2000, p. 39–40) comenta que “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença”. Ela não é o oposto da diferença, mas, depende da mesma para existir. Só se pode considerar um “eu”, ainda que difuso e fragmentado, se pudermos ter a certeza de um “outro”. A diferença demarca um existir definido pelas fronteiras do corpo ou como coloca a autora, “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade, por exemplo, a identidade sexual”. (WOODWARD, 2000, p.15)

Partindo da relação corpo *versus* veste, Villaça (2007, p. 142), comenta que:

A aderência ao corpo mais evidente é certamente a roupa: embalagem que vela e desvela, simula e dissimula. Fisicamente autônoma, ela é, entretanto, intimamente ligada ao corpo do qual recebe odores e calor e ao qual oferece um estatuto. O tecido cortado ou drapeado torna-se imagem no momento em que é vestido.

Portanto, a roupa (re)significa o corpo constantemente, estabelecendo um fluxo de troca e uma negociação contínua entre cheio/vazio, esconder/mostrar, construir/destruir, estar/não estar. O corpo precisa da roupa e a roupa só existe em função do corpo.

Definindo a roupa/ veste como um dos elementos que assumem grande relevância na constituição das subjetividades pertencentes a um determinado contexto e, dessa forma, percebendo-a como um signo cultural repleto de valores e peculiaridades específicas que permitem ao homem, nos diferentes períodos históricos, comunicar-se com seus pares, demarcar sua presença e explorar suas vivências, podemos entendê-la como um território que oferece fronteiras significativas na relação sujeito<>identidade<>contexto e assim, grande valia em sua apropriação para o universo da arte, discutindo tais questões.

As *vestes incorporadas* de Cláudia Casarino são a anexação complexa de cada experiência anterior ao seu contato. De certa forma, a artista faz com que o espectador defronte-se com ele mesmo incorporado em sua obra e se perceba enquanto organismo vivo, presente em meio à ausência, aos espaços vazios das vestes suspensas e ali espreite sua própria subjetividade, apreendendo ou (re)configurando os fragmentos de si apresentados por seu reflexo furtivo no trabalho.

Referências

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BARNARD, Malcolm. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BAUMAN, Zygmund. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CASTLLO, Kathia; MARTINS, Marcelo M. **Discursos da moda**: semiótica, *design* e corpo. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 2005.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o Dicionário da Língua Portuguesa. [S.l.]: Nova Fronteira, 1999

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. pp. 103-133

JONES, Sue JenKyn. **Fashion design** – manual do estilista. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LIPOVETSKY, GILLES. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MARTINS, Raimundo. Cultura visual: imagem, subjetividade e cotidiano. In: ANPAP, 2004, Brasília. **Anais...**Brasília: UNB, 2004. pp. 160 – 165

VILLAÇA, Nízia. **A edição do corpo**: tecnociência, artes e moda. Barueri: Estação das Letras Editora, 2007.

WOODWARD, Kathrym. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 7 – 72.